

# ‘As empresas sabem

Para a presidente do Cebds, economia verde é um processo para o desenvolvimento sustentável

Amelia Gonzalez  
amelia@oglobo.com.br

Marina Grossi fala muito rápido e seu raciocínio acompanha esta velocidade. Tanto melhor para ela, que hoje está à frente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (Cebds), entidade que desde 1998 reúne 53 das maiores empresas do país com faturamento anual que corresponde a cerca de 40% do PIB nacional, numa missão que para muita gente parece impossível: mostrar aos empresários uma nova maneira de fazer negócio, de forma sustentável. Para isso, Grossi precisa mesmo não só de pensamento ágil, como de uma boa dose de capacidade de persuasão. “As empresas que não se adequarem a uma economia de baixo carbono e a uma gestão sustentável não estarão mais vivas em dez anos”, gosta de repetir. Economista por formação e ambientalista por convicção, Marina Grossi já estudava o clima em 1992, quando o Brasil sediou a Rio-92, e agora tem um projeto ousado: juntar todos os setores da sociedade para sair da Rio+20 (Conferência do Clima que vai acontecer na cidade em 2012) com um documento que trace metas para o Brasil cumprir até 2050 no sentido de trocar nossa economia para uma economia verde. Chama-se Visão 2050 o que Grossi chama de um “esforço de projeto para o país”.

**O GLOBO:** O Cebds existe há 13 anos. O que fica de experiência desse tempo no setor da sustentabilidade?

**GROSSI:** Tem um pouco de frustração, porque os ODM (Objetivos do Milênio) não foram atingidos,

# em que precisam mudar'

o Pacto Global acaba de expulsar empresas (ver página 6). Mas, por outro lado, tem também um amadurecimento muito grande, de 2007 para cá. Nem todo mundo sabe o que é sustentabilidade, mas a expressão já se popularizou, e isso é bom. O que não se sabe ainda é como se chega a um mundo mais sustentável. Por isso o Visão 2050 (nosso evento bianual) é interessante, porque ele traça metas, com toda a humildade de dizer que são insumos que podem ter falhas, mas que pressupõem que não há como continuar um negócio do mesmo jeito que está sendo feito hoje, sem inovação, e chegar vivo até 2050. Para um mundo mais sustentável, o que conta não é vender, vender e vender. É como que se vai vender e o que se vai vender. Foi por isso que pedi para juntarmos a Rio+20 à nossa discussão sobre sustentabilidade. Porque a proposta desta Conferência é discutir justamente a economia verde.

**O GLOBO:** *O que é economia verde?*

**GROSSI:** Se a expressão for dita assim, sem contexto, pode ser entendida como barreira, tarifas, subsídios. O que acho importante é dizer que economia verde é um processo e relacioná-la com o desenvolvimento sustentável. O Visão 2050 (que vai acontecer em setembro no Píer Mauá, exatamente onde será a Rio+20) dá números para chegar a esse caminho e o exercício que se vai fazer. Vamos fazer oficinas para uma validação do olhar brasileiro sobre esses temas.

**O GLOBO:** *O Razão Social mostrou recentemente reportagem de um parque eólico localizado numa cidade com IDH baixíssimo, aqui no Rio. Numa economia verde, isso é viável?*

**GROSSI:** Não dá para imaginar uma situação dessas numa economia verde. Mas as empresas mais responsáveis já têm uma preocupação holística. Outra coisa que vai mudar: os relatórios com indicadores GRI vão ter que ser os mesmos, para acionistas e para ambientalistas. Porque tem

impacto como o da BP (*British Petroleum, empresa responsável pelo vazamento de milhões de litros de óleo no Golfo do México*) que atinge tanto o acionista como o ambientalista.

**O GLOBO:** *O Visão 2050 fez um estudo com 29 empresas de vários países e o Brasil está entre eles. Como o país está no setor da sustentabilidade? O que incluiu este estudo?*

**GROSSI:** Começou com valores, desenvolvimento humano e 37 metas. Na verdade, não se consegue pensar em 2050 com a cabeça que se tem hoje, vamos ter que mudar muitas coisas, o padrão de consumo, por exemplo. Vamos ter que dar mais poderes às mulheres. Vamos ter que ter saneamento... nesse ponto, o Brasil está mal. Uma das metas, por exemplo, é que em 2020 os aterros já estejam defasados. Mas nós ainda temos lixões funcionando!! O interessante é que as empresas estão entendendo que precisam mudar.

**O GLOBO:** *Por que elas precisam mudar?*

**GROSSI:** Porque se elas não fizerem isso, daqui a dez anos não vão estar vivas. E as grandes empresas já estão entendendo isso, estão colocando metas. A Philips, por exemplo, pretende que 50% de sua receita venham de produtos verdes até 2015. Alcoa, Amanco, têm redução de emissão para cimento. Elas estão se preparando para um mundo de baixo carbono.

**O GLOBO:** *Mas, o que consegue movê-las nesse sentido?*

**GROSSI:** Entre outras coisas, porque elas sabem que vem aí uma regulação. E se elas não fizerem isso antes das outras não vão ser competitivas. Além do mais, posso garantir que o custo será muito alto se ficarem na inércia agora. O jeito de fazer negócios convencional está ultrapassado.

**O GLOBO:** *Ultrapassado em relação a quê?*

**GROSSI:** Veja, por exemplo, as

grandes cidades, com seus carros velozes, produzidos com uma tecnologia altíssima, mas que andam a uma velocidade que normalmente não ultrapassa os 14km/h. Alguma coisa não está funcionando nisso. O que adianta produzir um carro desses para ele não andar? Quando a gente fala em sustentabilidade, a gente está falando em inovação, não só a tecnológica como a social, é uma visão holística. Portanto, pensar em mobilidade exige que se pense em várias fontes de energia e até a noção de competição muda: o carro flex concilia gasolina com álcool. O ideal é que o consumidor final tenha a palavra, mas a inovação ainda deixa o produto muito caro.

**O GLOBO:** *Já que a senhora falou em consumidor final... será que as redes sociais vão poder ser o detonador de uma mudança?*

**GROSSI:** Quanto mais rápida a informação circular, mais poder será conferido a quem está com aptidão para fazer alguma coisa. Tudo o que é colocado mais à mão do consumidor terá uma resposta mais rápida. Veja o caso dos telefones celulares: todo mundo passou a ter. Claro, tem que ter regulação, ação governamental. De qualquer maneira, economias criativas, soluções criativas e inovadoras precisam ter um valor cada vez maior num mundo mais sustentável.

**O GLOBO:** *Muita gente critica o fato de que, ao se falar em sustentabilidade os especialistas coloquem metas com um prazo muito longo. 2050, por exemplo. O que a senhora acha?*

**GROSSI:** Tem algo legítimo nessas críticas porque não se pode alardear mudanças tão drásticas, como as que vão acontecer por causa do aquecimento global, como se fossem acontecer amanhã. Não se pode tratar o consumidor de maneira infantil. Então, depende da maneira como se fala. Porque muita coisa já está acontecendo.

**O GLOBO:** *A ideia do Cebds é levar um documento para a Rio+20. Como será?*

**GROSSI:** Vamos situar o Brasil na discussão da economia verde. Porque o Brasil está numa posição desejável com uma matriz limpa que a natureza nos deu. Se não fizermos nada, vamos perder uma excelente oportunidade. Eu quero sair do nosso encontro passando para todos essa ideia.



*Nem todo mundo sabe o que é sustentabilidade, mas a expressão já se popularizou, e isso é muito bom. O que não se sabe ainda é como se chega a um mundo mais sustentável.*

Marina Grossi